Uma crônica paulista em português

José Luís Landeira – 6 de abril de 2025 – O Publico

Os artigos da equipa do PÚBLICO Brasil são escritos na variante da língua portuguesa usada no Brasil.

Domingo é o convite para o café da manhã na padaria. Em São Paulo, é parte da cultura da cidade. Vou caminhando com o meu gerúndio me permitindo a lentidão de quem vive um domingo sem pressa e penso em Portugal. Saudades da palavra, que aqui não usamos, "desjejum". Que linda palavra, essa! E, vejam só, ela me apareceu o outro dia em um texto qualquer que li. E brasileiro. Sim, ela está no dicionário. Enquanto atravesso a rua, penso em fazer uma campanha pelo retorno do uso de "desjejum". Teria êxito? Em Portugal, uma vez, na minha época de universitário, escutei "desjejuar". Tive uma epifania.

Moro no Centro da maior cidade do mundo onde se fala português. Saio de casa e sou abordado, quase ao mesmo tempo, por duas pessoas me entregando panfletos de novos empreendimentos imobiliários na região. O presente de São Paulo é o seu eterno futuro. Poucas cidades são assim: fazem do futuro o seu presente, vivem projetando o seu hoje no que virá amanhã. Lisboa não presentifica assim o seu futuro. Não do mesmo modo, pelo menos. O futuro, em Lisboa, chega se transformando em agora. Ele chega acontecendo, se tornando realidade. Não ganha a sua força, como ocorre aqui, em São Paulo, na projeção – ou ameaça – do que virá.

Esse fenômeno não ocorre – que eu o tenha notado – em outras cidades do Brasil Não com a mesma força. Recife ou mesmo Brasília têm uma relação com o futuro mais parecida com a de Lisboa. Em São Paulo, não. Quando o futuro se torna presente, já é passado, já está antigo, por vezes, rançoso. Já se vive, no presente, a realidade de um outro futuro. Por isso também, há sempre tanta pressa nesta cidade. São Paulo faz-se de pressas muito apressadas.

Tentando transformar essas impressões em uma reflexão, passo ao lado de uma senhora que me pede uns trocados para comprar comida. Eu tenho meus pedintes costumeiros e ela não está na lista. Sinto muito, hoje não! Na verdade, ter minhas meditações interrompidas irritou-me. Fui egoísta, confesso; mas andar pelo centro é também desviar-se dos pedintes. Ver essas desproporções e distâncias entre ricos e pobres convida ao egoísmo. Tenho que refletir sobre isso em outro momento. Para já, penso que, desde que moro no Centro, aprendi muito sobre como falar com esses pedintes. Sempre falei com eles, claro, mas agora tenho me esforçado ainda mais em ser mais... Meu Deus! Que adjetivo usar quando a única coisa efetiva que podemos dar ao outro que nos olha com fome seja uma palavra de respeito?

Não há Testemunhas de Jeová no horizonte. Manhãs de domingo tinham sempre Testemunhas de Jeová antes de eu vir morar no Centro. Aqui, encontro-as com menos frequência. Mas essa meditação vai-se quando atravesso a faixa porque o carro deu-me passagem. Dar passagem aos pedestres na faixa é uma das contínuas saudades que tenho de Portugal. Assim, sem esperar por isso, tive meu momento português por alguns segundos. O trânsito caótico da cidade e a cultura de valorizar mais o veículo que o pedestre torna raro que se respeite a faixa. Raro, mas não impossível. Este é o país das possibilidades. Mas tudo isso importa pouco quando estamos apenas atravessando a rua, num domingo preguiçoso, esperando por um café da manhã – ou desjejum, que seja – na padaria que está logo ali na esquina.

Ah, ir na padaria. Ir à padaria? Não vamos a, nem chegamos a, nem nada parecido no Brasil. Vou em. O lugar do destino fica mais em evidência usando a preposição “em” no lugar de “a”. Ir a algum lugar destaca o percurso, o caminho que se percorreu. “Ir em” põe em relevo o lugar. E eu cheguei na padaria, ali, onde me aguarda uma média e um pão na chapa.

Sou de Santos. Em Santos, média é um pão. Santos fica a, sei lá, uns 80 km de São Paulo? Pois bem, lá não se tomaria uma média e um pão na chapa, mas um café com leite e uma média na chapa. O diacho é que Santos é uma cidade tão pequena em relação a São Paulo e fica tão perto que, na maioria das padarias santistas, ninguém se espantaria com um pedido de café com pão à paulistana. Tenho falado muito nas diferenças entre o português do Brasil e o de Portugal, mas há tantas diferenças dentro do mesmo território de uma variedade dessa língua!

Outra boa ideia para refletir nela, mas não agora que o cheiro do café e do pão quente me obrigam a parar nas minhas reflexões de *flâneur* e me concentrar no prazer de celebrar o meu café da manhã. Em saborear e digerir esse alimento e transformá-lo em quem sou. Um bom domingo a todos!

https://www.publico.pt/2025/04/06/publico-brasil/opiniao/cronica-paulista-portugues-2128728